

LEITURA DISCURSIVA: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Carolina Fernandes ¹

Vanessa Martini ²

Resumo:

Um dos desafios do professor de língua portuguesa é trabalhar com a leitura em sala de aula, pois, muitas vezes, os alunos não compreendem os significados dos textos e buscam responder ao professor de maneira escolarizada. Mediante essa problemática, foi proposto para uma turma de 9º, de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da cidade de São Gabriel/RS, o trabalho com textos à luz da Análise de Discurso de linha francesa, que não considera a leitura como um produto, mas sim como um processo de produção de sentido entre autor e leitor. O tema proposto foi violência contra a mulher, pois é um problema que desafia tanto professor quanto aluno. Dessa forma, a leitura em uma perspectiva discursiva exige que o aluno seja um leitor ativo, crítico e capaz de produzir diversos gestos de interpretação, levando-o a tomar uma posição de autor no próprio processo de leitura. Com isso, foi possível romper com discursos e práticas que naturalizam a violência e assim contribuir para que os alunos assumam à posição de sujeito-autor o que favorece o desenvolvimento pessoal e escolar dos discentes.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Leitura polissêmica; Violência contra a mulher.

Modalidade de Participação: Pós-Graduação

LEITURA DISCURSIVA: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

¹ Docente. carolinafernandes@unipampa.edu.br. Orientador

² Aluno de pós-graduação. vanessavilagrاند@gmail.com. Apresentador

LEITURA DISCURSIVA: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

1 INTRODUÇÃO

Um dos desafios do professor de língua portuguesa é trabalhar com a leitura em sala de aula, pois, muitas vezes, os alunos não compreendem os significados dos textos e buscam responder ao professor de maneira escolarizada. Mediante essa problemática, foi proposto para uma turma de 9º, de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da cidade de São Gabriel/RS, o trabalho com textos à luz da Análise de Discurso de linha francesa, que não considera a leitura como um produto, mas sim como um processo de produção de sentido entre autor e leitor.

Diante da diversidade de discursos presentes no cotidiano dos alunos o objetivo deste trabalho foi de promover a formação de sujeitos-leitores, através do tema violência contra a mulher, que é um problema que desafia tanto professor quanto aluno. Dessa forma, a leitura em uma perspectiva discursiva exige que o aluno seja um leitor ativo, crítico e capaz de produzir diversos gestos de interpretação, levando-o a tomar uma posição de autor no próprio processo de leitura.

2 METODOLOGIA

As atividades de leitura propostas foram realizadas no primeiro semestre de 2018, em uma turma de 9º ano, composta por 12 alunos, sendo 7 meninas e 5 meninos, configurando-se como uma atividade que antecede ao projeto de dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas. Portanto, a análise e discussão se dará através do dispositivo teórico sustentado pela Análise de Discurso (AD), que circunda uma metodologia de compreensão, pois “concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2010, p. 15), de forma que a linguagem não é algo dado, ou seja, visa compreender como um objeto simbólico produz sentido. Então através de recortes extraídos dos gestos de interpretação produzidos pelos sujeitos-alunos (estes coletados através de gravação de áudio-vídeo) nas aulas de Língua Portuguesa em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da cidade de São Gabriel/RS, observamos como os alunos assumem a posição de autor na construção de sentidos.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A prática docente foi alicerçada em atividades que visavam a leitura em uma perspectiva discursiva, buscando provocar efeitos de sentido no sujeito-aluno, pois “a unidade da análise de discurso é o texto” (ORLANDI, 2006, p. 22). Portanto, o primeiro objeto de análise foi o texto “Para que ninguém a quisesse” de Marina Colasanti, publicado em 1986 no livro “Contos de amor rasgado”.

Esse conto narra cenas da vida cotidiana de uma esposa e seu marido, já no início temos ideia de como será essa relação, pois a esposa é bonita e vaidosa, segundo o marido atrai a atenção de outros homens enquanto que ele é ciumento, trata de tirar-lhe a beleza, percebemos isso quando ele “mandou que eliminasse os decotes”, “descesse a bainha dos vestidos”, “parasse de se pintar”, até o ponto que “tosquiou-lhe os longos cabelos” (COLASANTI, 1986, p. 111). Ao final do conto, percebemos um apagamento da mulher, tanto que o marido passa a sentir saudade do desejo que tinha por ela antes e tenta fazê-la bonita novamente, mas ela se anula, não recebe os presentes e fica “mimetizada com os móveis e as sombras” (COLASANTI, 1986, p. 111) tornando-se mais um objeto da casa. Então a partir da leitura que os alunos fizeram e dos recortes dos gestos de interpretação que fizemos, baseamos esta análise.

Partindo de conceitos da AD em que a produção de diferentes efeitos de sentidos dependem das condições de produção, e que estas “implicam o que é material, o que é institucional e o mecanismo imaginário” (ORLANDI, 2010, p. 40), podemos dizer que as imagens constituem as diferentes posições do sujeito na relação discursiva. As formações imaginárias contribuem para a condição em que o discurso se produz, então não faremos a análise do texto e sim dos discursos que se materializam a partir destas formações ideológicas.

Nesse sentido, é a partir das condições de produção que se produzem os diferentes gestos de interpretação e apesar de buscarmos igualdade, no imaginário da sociedade a mulher é tratada como o sexo frágil, a emotiva, a dócil, e muitas vezes é retratada na mídia como objeto de desejo e consumo. E ainda ouvimos discursos de que “a mulher merece apanhar”, “a bela, recatada e do lar”, “Tem mulher que é pra casar, tem mulher que é pra cama”, “Se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros”, “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo estão querendo”, “modos de menina”, “merece ser estuprada”, enfim uma infinidade denunciados que desvalorizam a mulher e produzem uma formação imaginária para seu lugar na sociedade. Iniciamos a prática docente com a leitura do texto “Para que ninguém a quisesse” de Marina Colasanti, com esta leitura buscamos observar como o sujeito-aluno atribuiu sentidos ao texto, a partir das possibilidades do dizer e não-dizer.

Com o intuito de estabelecer um discurso polêmico a partir do texto, foram feitos questionamentos com a finalidade de estimular os sujeitos-alunos a discutirem os possíveis efeitos de sentido trazidos pelo conto de Colasanti. Pressupõe-se uma formação discursiva machista manifestada na figura da personagem do marido, pois ele demonstra ciúmes e possessividade através de suas atitudes. Enquanto que há um apagamento em relação à personagem feminina, que não expressa sua vontade, suas ações são determinadas pelo personagem masculino.

Vemos que essa formação discursiva se repete em relação aos sujeitos-alunos, que produziram um gesto de interpretação, efeito de sentido produzido a partir do texto lido e de seu contexto histórico-social, cultural e ideológico. Vejamos o efeito de sentido produzido a partir de um recorte:

Recorte1

M1: Ela é vulgar!

SP: Por que ser vulgar?

M2: Ah por causa do decote, andava de salto.

M3: De “coisa” de seda.

H1: Pelo jeito ela era bonita.

Observa-se neste recorte que os gestos de interpretação vão além do parafrástico, mudando o sentido do texto, indo para outra formação discursiva, pois em nenhum momento no conto está dito que a mulher era vulgar, foi criada uma imagem para a mulher, essa formação imaginária é uma mostra de como o discurso se materializa, pois “algo fala antes, em outro lugar e independentemente” (Orlandi, 2006, p. 21), pois o sujeito esquece que ele não é primeiro a dizer.

Recorte 2

M1: Ela era casada e não devia usar decote.

M3, F2, F1: de dia usava saltos, joias isso e aquilo...

H1: Bah! Mas isso aí não tem nada a ver.

O segundo recorte destaca o que foi dito anteriormente, e confirma que o enunciado é o “lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos” (Orlandi, 2010, p. 59), pois coloca o dito, neste caso o decote ao não dito considerar a mulher vulgar por vestir-se com roupa decotada, portanto essa imagem criada para a mulher é produzida pela projeção imaginária que os sujeitos-alunos fazem da mulher do conto. Pois está no imaginário deles a mulher sedutora, provocadora do assédio e merecedora do controle do marido.

Podemos inferir que uma formação discursiva (FD) é regida por uma formação ideológica, que se reflete na escolha das palavras pelos sujeitos, por exemplo a imagem designada às mulheres na sociedade está tão presente que os sujeitos-alunos ao serem questionados o porquê de culparem a mulher pelo ciúmes do marido, relacionaram ao uso do decote, porém em nenhum momento no texto foi descrito se o decote usado pela mulher era discreto ou revelava seu corpo. E ainda foi justificada a atitude do marido “porque os homens ficam olhando”. E eles não são culpados por olhar?

Cabe ressaltar o seguinte recorte 3

M1: Prof. os homens “mexem”?!

SP: Mas é culpa da pessoa que mexe ou da pessoa que veste a roupa curta?

H2: Bah! Culpa da pessoa que veste!

F4: Ah não! (Bate na classe) Tu “tá” sendo muito machista. Cara

Por isso que as mulheres são assediadas “estupradas” E se fosse tua irmã?

M2: Eu não mando ela usar roupa curta. São assediadas e estupradas porque querem.

Eu acho errado a pessoa que usa a roupa curta.

É claro que os homens vão olhar. Né.

Percebemos que as condições de produção do discurso se constituem como efeito das relações de lugar nas quais esses sujeitos-alunos estão inseridos e constituídos pela memória discursiva suas falas representam um contexto social, no qual predomina a reprodução dos discursos em que a “mulher merece ser estuprada”, logo esse assujeitamento se dá pela identificação com a FD machista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho contribuiu para que os alunos tomassem a posição de autor no processo de leitura, ao inserirem-se em formações discursivas resultantes das diferentes posições que o sujeito ocupa na formação social, como demonstrado na análise dos recortes, em que os dizeres se repetiram e criaram discursos que formaram uma imagem da mulher, de que ela é sedutora, provocadora do assédio e merecedora do controle do marido, isso colabora para que na prática cotidiana os sujeitos reproduzam esse tipo de discurso que alimenta os estereótipos, portanto, a partir da reflexão sobre a prática de leitura em sala de aula de língua portuguesa, identificamos a necessidade de continuar esse trabalho, pois esse tipo de atividade permite não só ao aluno, como também ao professor, observar as diversas formas de discursos que atravessam o texto e assim levar essas considerações para a leitura de outros textos relacionando à imagem e ao papel dos sujeitos na sociedade.

REFERÊNCIAS

COLASANTI, Marina. **Contos de amor rasgados**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ORLANDI, Eni Puccinelli, e LAGAZZI, Suzy e (orgs). **Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

ORLANDI, **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 9ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.